

O tempo

Todas as criaturas gozam o tempo — raras aproveitam-no.

Corre a oportunidade — espalhando bênçãos.

Arrasta-se o homem — estragando as dádivas recebidas.

Cada dia é um país — de vinte e quatro províncias.

Cada hora é uma província — de sessenta unidades.

O homem, contudo, é o semeador — que não despertou ainda.

Distraído cultivador — pergunta: "que farei"?

E o tempo silencioso responde — com ensejos benditos:

De servir — ganhando autoridade.

De obedecer — conquistando o mundo.

De lutar — escalando os céus.

O homem, todavia, — voluntariamente cego, roga sempre mais tempo — para zombar da vida, Porque, se obedece — revolta-se, orgulhoso, Se sofre — injuria e blasfema, Se chamado a contas — lavra reclamações descabidas.

Cientistas — fogem da verdadeira ciência.

Filósofos — ausentam-se dos próprios ensinos. Religiosos — negam a religião.

Administradores — retiram-se da responsabilidade.

Médicos — subtraem-se à Medicina.

Literatos — furtam-se à divina verdade.

Estadistas — centralizam a dominação.

Servidores do povo — buscam interesses privados.

Lavradores — abandonam a terra.

Trabalhadores — escapam do serviço.

Gozadores temporários — entronizam ilusões.

Ao invés de suar no trabalho — apanham borboletas da fantasia.

Desfrutam a existência — assassinando-a em si próprios.

Possuem os bens da Terra — acabando possuidos.

Reclamam liberdade — submetendo-se à escravidão.

Mas chega um dia — porque há sempre um dia mais claro que os outros,

Em que a morte — surge — reclamando trapos
velhos...

O tempo recolhe, então — apressado — as
oportunidades que pareciam sem fim...

E o homem reconhece — tardivamente preo-
cupado —

Que a Eternidade Infinita — pede contas do
minuto.

ANDRÉ LUIZ

14

De quem seria?

*Afinal, meus irmãos, de quem seria o crime?
Daquele, cujo braço impôs a morte
Ao coração de alguém?
Ou desse mesmo coração caído,
Que inerte e mudo agora se mantém?*

*A quem se atiraria a mancha em rosto?
À vítima tombada? ao verdugo suposto?
Ou será que outro alguém
É o verdadeiro autor dessa agonia alheia,
Escondido na sombra,
À feição de uma aranha em sua própria teia?*

*Compreendido, porém,
Que o crime sempre nasce
De uma ideia feroz,
Quem teria pensado nele, antes?
Os outros? Talvez nós?*